

# 7 de Setembro, Bolsonarismo e Polícias Militares

Medidas adotadas por comandos das Polícias Militares do País contribuíram para o abrandamento da temperatura. Os mais exaltados se aquietaram e os ânimos foram serenados



Glauco Silva de Carvalho  
9 de setembro de 2021

LUIZ SOUZA/FOTOARENA/FOLHAPRESS



Grande efetivo policial mobilizado em Brasília foi capaz de impedir o acesso de manifestantes aos prédios do Congresso e do Supremo Tribunal Federal no dia 7

Escrevo este artigo poucas horas depois de a manifestação, convocada por Bolsonaro, ter se finalizado.

Como eu previra anteriormente, nada grave em termos de violência e segurança pública ocorreu. O grande receio de importantes e significativos segmentos da sociedade, inclusive dos meios militares e policiais, se esvaiu. Reinou a paz e o direito de protestar e de se manifestar, garantido constitucionalmente, permaneceu incólume.

Medidas adotadas por quase todos os comandos das Polícias Militares do país surtiram o efeito desejado. Abrandou-se a temperatura, chamaram seus integrantes à sua real responsabilidade, aquietaram-se os mais exaltados, serenaram-se os ânimos. Aqui em São Paulo, desde a quinta-feira da semana passada (2), os comandantes de diferentes frações de tropa foram instruídos a

adotar tom sereno e instruir os efetivos policial-militares a se submeterem à lei, à Constituição e a se preservarem de eventuais enquadramentos penal-militares ou de cunho administrativo-disciplinar.

Em sua maioria, integrantes da reserva compareceram ao evento, o que entendo ser plenamente legítimo e legal.

O que ficou fora do script, se bem que não nos surpreende de todo, foram as palavras agressivas, autoritárias e desafiadoras do presidente da República. No dia da Independência, Bolsonaro foi ele por ele mesmo. Nunca surpreende, porque faz da guerra e do conflito sua forma de fazer política. É a maneira de mobilizar seus seguidores e manter acesa a chama do golpismo. Esse segmento ainda não aprendeu que, nas democracias, as contendas e as divergências não se resolvem pelas armas. Mas sim pelo diálogo, conversa, consenso e dialética. Foi aplaudido quando, em sua impetuosidade, desafiou outros poderes e, na prática (não em tese) se negaria a cumprir determinações judiciais. Confesso que, na minha inocência, achei que ele fosse amenizar o discurso. Até para poder angariar mais apoios políticos, aprovar suas propostas no Legislativo e no Judiciário.

No fundo, Bolsonaro é uma criança amedrontada. É imaturo, juvenil. Suas palavras e ameaças sugerem um indivíduo ameaçado em sua alma, instável e muito, mas muito inseguro. Adultos não agem dessa maneira. Num mundo de vedetismos das redes sociais e de infantilidade nas relações sociais, Bolsonaro encontrou seu lugar, e um lugar de destaque e em condições de fazer muito, mas muito estrago.

Confesso que me surpreendeu a quantidade de pessoas na Paulista. As hostes bolsonaristas afirmam que 125 mil pessoas é pouca coisa. Pois é uma cidade de porte médio no Estado de São Paulo. É muita gente e as fotos e transmissões assim o demonstraram. Não é nada desprezível. O que essas pessoas desprezaram, na realidade, é o respeito pela democracia. Um chefe de Estado não pode assumir uma posição irresponsável e ameaçadora de afronta a outros poderes. Ele não tem a estatura do cargo. Nem conhece a liturgia que seu papel e sua função estão a exigir.

Creio que teremos tempos chuvosos e nublados pela frente. Tempos difíceis. Precisamos, em momento oportuno, entender o que leva alguns milhões de pessoas a aderir a um discurso raivoso e agressivo, de ofensa, de descortesia, de humilhação, de desprezo pelas mais mezinhas regras de convivência pública e de respeito ao próximo. Incluo aqui a categoria dos policiais militares (e também segmentos expressivos de policiais civis).

Continuo achando que o Exército ainda é a garantia de nossa democracia. Seus altos quadros estão cientes de toda a orquestração por detrás de Bolsonaro. Não é o que ele diz, mas o que ele não diz que importa. 1964 foi outra conjuntura. O que move Bolsonaro não são razões públicas, mas privadas. A ver os próximos capítulos.

De minha parte, em que pese a frustração de esperar algo diferente do presidente, fico satisfeito por não ter havido qualquer incidente envolvendo meus companheiros de farda. Que assim seja, nos limites da lei.

#### **Glauco Silva de Carvalho**

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

---

<https://fontesegura.org.br/politica-e-policia/ckkq7krmx5>

